

Curar a Si e cuidar do Outro



*“Somos todos anjos com uma asa só;
e só podemos voar quando abraçamos uns aos outros”.*

Nós tomamos consciência da vida que nós temos quando corremos o risco de perdê-la. Quando a gente sabe que uma pessoa morreu, automaticamente, consciente ou inconscientemente, pensamos: um dia serei eu. E aí?

O fim da vida do outro nos faz pensar na finitude da vida que temos e que somos. Muitas vezes vivemos no automático e quando a gente se vê diante de uma pandemia que tira a vida de uma forma tão inexplicável, nos damos conta deste grande dom que a gente sempre teve e continua tendo e que, de repente, para nós não fazia muita diferença. Então, podemos dizer que um dos primeiros ganhos da pandemia, uma leitura que podemos fazer da situação, é essa valorização da vida e essa vida que pode ser perdida por pequenas coisas, pequenos atos. Muitas pessoas se contaminam com o vírus sem saber onde, como... pensam: Eu fiz tudo certo, uso álcool em gel, uso máscara, me higienizo o tempo todo... como fui pegar este vírus? Como fui ficar doente? Assim corremos o risco de perder o que sempre tivemos: a vida - um dado que era tão seguro e com a qual não nos preocupávamos. Daí surge a necessidade de curar a vida. Este é um apelo que o Papa Francisco nos faz neste mês de agosto em sua catequese e que quero trazer como primeira parte da minha fala.

Para que eu possa curar a vida do mundo eu preciso também me dar conta da vida que existe em mim. Eu não vou salvar a vida dos outros e nem terei qualidade na minha missão de fazer o bem ao outro se eu não gasto o mínimo de tempo cuidando daquilo que é essencial em mim. Esta é uma grande questão.

Às vezes, a gente gasta muito tempo num fechamento e num egoísmo que não se reveste de cuidado, mas se reveste muito mais em exigência e cobrança do que num cuidado propriamente dito. É necessário, portanto, um cuidado consigo e um cuidado com o mundo.

Neste mês de agosto o Papa nos fala que para cuidarmos do mundo precisamos ter fé, esperança e caridade de um jeito novo e neste cenário que temos aí que é o que vamos nos aprofundar.

A primeira coisa que quero falar é sobre o conceito de curar. O que é curar?

Se tivéssemos numa assembleia poderíamos perguntar e todo mundo iria responder.

Curar, de uma maneira bastante superficial e num nível físico é restabelecer a saúde, ou seja, uma pessoa que está doente fica curada. As pessoas pensam que essa cura é permanente... curou, acabou. Mas não. Ela é temporária, momentânea. A pessoa está num tratamento de saúde e fica curada, mas depois a

doença pode voltar. É o caso muitas vezes de quem tem câncer: a doença volta. Este é o caso de uma pessoa que restabelece sua saúde, mas não tem uma cura permanente.

Não podemos pensar que somos somente corpo, matéria, mas podemos falar também de uma saúde da alma, uma saúde psicológica. Neste nível psicológico, curar significar “pegar” toda aquela situação de dor e de sofrimento que existe em mim e dar conta dela. Neste caso essa dor não me controla e nem me manipula mais. Por exemplo: eu posso ter medo de alguma coisa e este medo me limita. Se, por exemplo, eu tiver medo de andar de avião, pânico... quando vou me curar disso?

É importante lembrar que sempre vamos ter um pouco de medo, mas quando o medo é desesperador e me impede de agir isto é uma doença, mas se ele já não me domina e nem me impede de agir, estou num processo de cura e de superação.

Porém, em nossa vida, muitas vezes, vivemos num estado de sobrevivência... É quando eu tento virar a página ou esquecer, tento negar e fingir que a situação não existe e não me incomoda, mas a ferida está lá. Quem trabalha na área de enfermagem sabe: muitas vezes a pessoa tem um ferida, mas não quer tratar... finge que a ferida não existe, mas ela só cresce dia a após dia. Assim, negar a realidade ou fugir dela nos coloca numa situação delicada num depois e num depois muito próximo.

O que seria curar as feridas? Seria a capacidade de recuperar a habilidade de criar uma conexão minha com aquela situação de sofrimento que tenho.

Quero trazer uma referência da mitologia grega para nós. Existe uma lenda grega de um centauro chamado Kyrion. Ele era um grande conhecedor da arte da cura e sabia curar várias feridas. Acontece que um dia num conflito, numa guerra, Kyrion é ferido e nele se abre uma ferida muito grande em sua cocha. Como ele era imortal e a ferida dele foi feita por um outro deus, kyrion não conseguia curar este ferida em si mesmo. Para tentar curar-se, ele viaja muito e acaba conhecendo muitas pessoas feridas e cura essas pessoas, mas não consegue curar a própria ferida. Por isso, ele é chamado de curador ferido, isto é, aquele que tem a capacidade de curar o outro, mas que também carrega uma dor, carrega dentro de si situações que o fazem sofrer.

Cada um de nós é gente: temos corpo, temos alma, carregamos uma marca de memórias positivas, negativas... temos uma série de coisas que nos faz ser quem somos. Não podemos sair para curar o mundo sem nos darmos conta, em primeiro lugar, de que necessitamos curar a nós mesmos.

A pandemia serve para nós como uma “caixa de pandora”. Abriu-se uma situação e muita coisa que estava guardada até então foi vindo à tona. Olhando, por exemplo, no campo da saúde mental, vemos um alto índice de suicídio... aumentou muito, tanto o suicídio em si, como a sua planificação ou a tentativa de suicídio como uma saída. Há também a questão do alcoolismo que neste tempo de pandemia aumentou de maneira considerável. Quantos religiosos estão envolvidos nessa questão grave em diversos lugares. Há também a questão da violência doméstica... os estupros, as agressões, as separações, os conflitos familiares, a hipocondria, o medo desesperado da doença, o medo da finitude, a depressão, a obesidade, as compulsões, a falta de controle de si e das coisas... quantas feridas foram brotando neste tempo de pandemia!

Diante disso, temos que **o primeiro mundo que precisa ser curado é o meu**. Isto é, o primeiro espaço onde eu preciso criar um clima de harmonia é em mim mesmo. O primeiro pobre que precisa ser acolhido sou eu mesmo. Essas situações de sofrimento e limitação nos vem falar de uma pobreza. Aquela pobreza na qual fazemos votos é uma das dimensões de pobreza: a pobreza da minha finitude, das minhas dificuldades, das situações que me circundam. E se falamos: “nada disso me atinge, estou acima do bem e do mal...” Cuidado! Pois, temos os pés de barro, tal como Daniel fala em seu livro.

Daniel na Bíblia tem uma figura de um grande deus apocalíptico que tem a cabeça de ferro, o corpo de bronze, as pernas feitas de um material muito forte, mas os pés são de barro. Nossos pés também são de barro e também nós precisamos cuidar de nós.

Em nossa vida religiosa quase sempre somos responsáveis pela vida de outros: cuidamos de outros. E neste cuidado, muitas vezes, deixamos de cuidar de nós mesmos.

Ter este espaço, esta consciência é fundamental para que a gente possa dar o próximo passo. Antes de convocarmos o exército para a luta, tenho que ver primeiro como estão os meus soldados: estão prontos para a batalha ou ainda falta alguma coisa?

A questão hoje não é como eu devo esconder as minhas feridas ou as situações de dificuldades que tenho, mas como devo colocar as minhas feridas à serviço da vida, à serviço dos outros, à serviço da vida como um todo. Não existe nada melhor do que passarmos por um calvário, superar aquilo e depois estarmos livre para poder acolher aqueles que a vida ou a Providência nos coloca. É preciso curar-se para que se possa ser um bálsamo para a vida do outro, para que se possa oferecer com qualidade aquilo que se faz; caso contrário, fica bem complicado a gente se doar. Se for assim, a gente não se tem nas mãos, elas estão vazias e a gente não consegue pegar nossa vida e nossa história... Na hora do ofertório da vida existencial eu vou ofertar o que?

Cuidar de si, curar a si, com a ajuda das pessoas, com a graça de Deus, com a busca da oração... tudo isso são ajudas desde que eu decida fazer este caminho, este percurso.

Quando por exemplo você tem uma dor de dente não existe mais nada no mundo a não ser você e o seu dente, não é verdade? Se você tem o nervo ciático inflamado, você não consegue ajoelhar, não consegue caminhar... não existe mais ninguém, mas só você e o seu nervo ciático, porque aquilo te incomoda sempre.

Se paramos pra cuidar de nossas dores físicas porque elas se impõem pra nós, a gente precisa ter esse cuidado com nossas outras dores que muitas vezes nos fazem sofrer por um tempo mais prolongado do que uma dor física.

O ideal é bonito, de doação plena, eterna e constante, mas a gente precisa colocar os pés na nossa realidade. Podemos recordar de João Batista e seus discípulos. Jesus dizia: O que você foi ver no deserto: um homem vestido com roupas finas? Você foi ver no deserto um banquete? Você foi ver no deserto o quê? Um caniço agitado por um vento? Um profeta? Eu fui ver aquele que seria o precursor... aquele que vem abrindo caminhos. Mas para abrir caminhos precisamos de muita coisa... Quem já morou na roça ou quem já abriu uma picada ou foi limpar um quintal cheio de mato pra fazer um jardim sabe que é preciso de muita força. Para abrir caminhos físicos, ecológicos precisamos de força. Para abrir caminhos nesta sociedade que é tão fechada à realidade espiritual e ao compromisso real com os outros, nós precisamos também de muita força.

Somos nós que temos a missão de preparar o caminho. Poderemos pensar: você foi numa casa religiosa... o que você foi ver? Homens e mulheres senhores de si? Pessoas capazes de acordar e despertar o mundo? Foi isto que você encontrou nas casas religiosas? Gente feliz? Ou foram pessoas que deixaram que lhes roubassem a sua esperança? Roubassem a sua confiança? Que fostes ver no deserto? Que fostes ver nas nossas casas, nas nossas comunidades?

Às vezes, temos muito forte o nosso ideal, as nossas orações ou aquilo que nós desejamos. Mas às vezes nossos pés não vão no mesmo ritmo... o negócio emperra e a coisa não vai pra frente. Nessa hora a gente precisar parar, sentar e abrir a mala pra vermos o que é que nós estamos carregando. Sem isso a viagem fica pesada demais, longa demais, eu diria, quase que insuportável. Precisamos deste tempo.

Há em cada uma de nós uma ferida existencial que precisa ser cuidada. Cada uma de nós sabe onde o sapato aperta e se você ainda não sabe, descubra, pois existe em você esta ferida. Cada um precisa descobrir como, quando e o que fazer com isso. Na mitologia grega nós temos o curador ferido Kyrion que falei acima, aquele que consegue curar os outros porque também tem uma dor. Na nossa vida cristã nós também temos um curador ferido. Nós temos o próprio Cristo. O crucificado. Por suas chagas nós fomos curados. Transpassaram o peito do Senhor e dali jorrou sangue e água. E nós falamos que a Igreja nasce da ferida aberta no peito do crucificado. Neste coração aberto pela lança – na mitologia nós temos uma fecha, mas aqui temos uma lança – neste coração ferido nós cabemos; todos nós cabemos e é ali que a gente precisa procurar abrigo muitas vezes... aos pés da cruz. Olhar para aquele que era a perfeição e assumiu a nossa condição e não teve vergonha de assumir as suas fragilidades, de assumir o corpo machucado... ele passou pela cidade, foi pendurado numa cruz no alto do monte onde todos podiam ver.

Então, irmãos e irmãs, é pelas chagas da Vida Consagrada que o mundo pode ser curado. Eu tenho a plena convicção disso.

Quando a gente passa a mão no crucifixo e toca o peito aberto de Jesus vemos que seu sofrimento não o impede de amar de modo profundo. Às vezes, o que nos impede de amar de modo profundo é o medo da dor.

Quando vamos olhar os nossos Fundadores vemos que eles foram pessoas de sofrimento, mas um sofrimento redimido, integrado, um sofrimento redentor. Nossas Fundadoras, por exemplo, perderam a mãe muito cedo com cinco e com sete anos; elas tiveram outras madrastas, mas foram perdendo, perdendo seus entes queridos. Elas fizeram de tudo isso uma Família Religiosa que tem como lema acolher a infância que perde a mãe, que perde o pai, que perde a família.

Então, assim também nós... não podemos arrastar a vida por conta das dificuldades que a vida nos apresenta. É preciso olhar além. Estarmos na cruz sim, mas não parar na cruz como Jesus, mas ir para a Ressurreição. E é para lá que a Vida Religiosa é chamada a olhar e estar... Que nossas chagas curem o mundo. Que a dor que nós sentimos por conta de várias situações sejam bálsamo na vida dos idosos, das crianças, de outros religiosos, daqueles que vêm até nós. Porque as pessoas confiam em nós.

E nós podemos até fazer uma leitura: os escândalos que existem envolvendo a igreja é uma prova de que as pessoas não esperam isso. O escândalo provocado por uma padre ou uma irmã dá muito mais ibope do que de um político, concordam comigo? Porque isso? Porque as pessoas acreditam na nossa profecia. Mas porque a mídia se envolve tanto? A mídia é cruel, arbitraria, mas por outro lado, podemos nos perguntar: porque as pessoas se interessam em ver e ouvir o que a mídia traz? Porque, na verdade, elas esperam que os religiosos curem o mundo, façam parte da cura e não da doença.

Essa compreensão das coisas faz com que se pense que nós já não temos mais lugar neste mundo, faz com que as pessoas não acreditem mais na vida consagrada, de modo que as pessoas já não querem mais dar a vida por esta causa... A pastoral vocacional é prova disso: de que é difícil arrebanhar e encontrar outras pessoas que queiram dar a vida por esta causa.

Se fizermos uma leitura diferente ou até contrária, veremos que a vida religiosa tem sim credibilidade... é como aquele filho que briga com os pais, mas na hora que precisa corre pra casa. Em relação ao mundo também é assim. Há um certo descrédito em relação à vida religiosa, as pessoas não estão interessadas em saber o assunto, isto é, em proposta de vida consagrada. É como os atenienses falam a Paulo: "sobre isso a gente vai falar em outra ocasião". No entanto, está todo mundo antenado naquilo que fazemos, porque fazemos e querem conhecer por dentro. Por isso, a vida religiosa está na mídia.

Então, nesse sentido precisamos curar nossas dores. Não queremos condenar ninguém, nem atacar ninguém, mas sermos bálsamos para aqueles que estão a caminho conosco. Isso não significa que temos que viver em função da dor... não, não é isso. Mas olhemos sim para a cruz, isto é, não fingir nem fugir das dores, mas assumir, tratar, libertar-se para que possamos curar.

Porque tudo isso? Porque precisamos de energia para atravessarmos a rua para acolher aquele que está caído. Na parábola do bom samaritano temos isso: o ferido não estava no caminho dele. Para cuidar do ferido, ele teve que atravessar a rua... Para isso temos que estar com a cabeça levantada, temos que olhar em volta, não para o próprio umbigo, mas para frente, para poder enxergar as pessoas que precisam de nós. Faz isso quem não gasta tanta energia cuidando de suas dores, mas aquele que pode cuidar das dores do outro.

Queridos companheiros de jornada estamos todos a caminho. Nesta jornada ora somos os cuidadores, ora somos os que recebem cuidados. Nesta tarefa temos diante dos nossos olhos: Jesus de Nazaré. Deus feito homem que trilha conosco os caminhos de nossa história. Juntos, cada Família Religiosa e a CRB Nacional vamos testemunhando ao mundo que o amor é profecia, que a fé é gesto que salva e que a esperança é força que nos sustenta na fidelidade ao evangelho. Várias são as modalidades de amar, várias são as modalidades de se fazer irmão. Nesta pluralidade, somos iguais no compromisso com a vida. Encerro com esta poesia. Coração cheio de sonhos... pés prontos para partir!

Quando a vida bater forte
e sua alma sangrar,
quando esse mundo pesado
lhe ferir, lhe esmagar...
É hora do recomeço.
Recomece a LUTAR.

Quando tudo for escuro
e nada iluminar,
quando tudo for incerto
e você só duvidar...
É hora do recomeço.
Recomece a ACREDITAR.

Quando a estrada for longa
e seu corpo fraquejar,
quando não houver caminho
nem um lugar pra chegar...
É hora do recomeço.
Recomece a CAMINHAR.

Quando o mal for evidente
e o amor se ocultar,
quando o peito for vazio,
quando o abraço faltar...
É hora do recomeço.
Recomece a AMAR.

Quando você cair
e ninguém lhe aparar,
quando a força do que é ruim
conseguir lhe derrubar...
É hora do recomeço.
Recomece a LEVANTAR.

Quando a falta de esperança
decidir lhe açoitar,
se tudo que for real
for difícil suportar...
É hora do recomeço.
Recomece a SONHAR.

Enfim,

É preciso de um final
pra poder recomeçar,
como é preciso cair
pra poder se levantar.
Nem sempre engatar a ré
significa voltar.

Remarque aquele encontro,
reconquiste um amor,
reúna quem lhe quer bem,
reconforte um sofredor,
reanime quem tá triste
e reaprenda na dor.

Recomece, se refaça,
relembre o que foi bom,
reconstrua cada sonho,
redescubra algum dom,
reaprenda quando errar,
rebole quando dançar,
e se um dia, lá na frente,
a vida der uma ré,
recupere sua fé
e RECOMECE novamente.

Texto Transcrito da Palestra de
06.09.2020 –
Assembleia Formativa da CRB Regional
do Paraná

lr. Maria José Barbosa dos Santos,

bdp

Curitiba, 09|09|2020